



UM DISCURSO COLETIVO
VIVÊNCIAS DA PANDEMIA
NA SÃO REMO



Introdução



O Jardim São Remo é uma comunidade da Zona Oeste do município de São Paulo, onde a vivência da pandemia de Covid-19 se assemelha à de outras periferias urbanas em alguns aspectos e difere em outros. Na comunidade, as vivências também misturam elementos comuns a todos os seus integrantes e particularidades de cada grupo, família e indivíduo. Entre janeiro e abril de 2021, houve uma construção coletiva para retratar vivências de alguns moradores da São Remo, considerando diversas experiências e memórias registradas em entrevistas ou durante a aplicação de um método fotográfico de pesquisa comunitária conhecido como Photovoice.

O texto a seguir é um discurso coletivo composto por vários desses registros, cuja construção apoiou-se parcialmente em algumas ideias de um método denominado discurso do sujeito coletivo.

Nem todos os registros foram utilizados e a forma de articulá-los foi uma entre muitas. O resultado traz nuances, afetos e retratos que reforçam o que parece óbvio e continua negligenciado e expõem uma contradição crônica: as comunidades marginalizadas continuam sofrendo desproporcionalmente os danos coletivos, com o qual essa marginalização se aprofunda e as crises se intensificam. **Mas não é só isso.**

O resultado traz também aprendizados e pontos de vista necessários para superar o mal-estar crônico. Tudo isso em quatro seções: "COVID-19: mais uma de tantas pancadas", "Gestão do cuidado comunitário", "Crianças e adolescentes da São Remo" e "Famílias multiespécie".

Alguns fragmentos do texto foram modificados, principalmente para concatenar as ideias, acrescentar termos implícitos no contexto original e aumentar a concordância de número e gênero entre frases de registros diferentes. Essas modificações estão em cinza.

Vale salientar que apesar de termos usado alguns elementos do Photovoice e do discurso do sujeito coletivo, este documento não relata a aplicação desses métodos nem o que resultaria dessa aplicação. Outros documentos abordarão aspectos metodológicos e seus respectivos resultados, valendo-se de registros adicionais e reaproveitando alguns dos utilizados aqui.



COVID-19: mais uma de tantas pancadas

Aqui tem tanta coisa acontecendo... O pessoal já vem de dias e dias, correndo, tomando pancada todo dia, todo dia levanta, vai para a luta, sempre tem um obstáculo. A pandemia é mais um obstáculo vivido no dia a dia, do cara e da mulher que mora na periferia, é mais uma das grandes coisas do dia a dia que você vai se deparar, na verdade, é só uma situação das milhares. É séria? É séria! Mas tem milhões de coisas sérias que acontecem com quem mora na periferia. É um problema sério, um vírus sério, mas para a gente que é da periferia, é só mais um degrau que vem pra nós. Aí o pessoal fala, mas é questão de vida, pode matar! A gente convive com essa questão todo dia, a gente levanta pra ver se vai tá voltando, é muito louco, né? Aqui na São Remo não tem ninguém que desacredita do Coronavírus, falando ser golpe ou que não exista, até porque como convivemos todos muito juntos, quando alguém morre ou algum parente morre, um fica sabendo do outro, aqui um sabe da vida do outro, então não dá para ignorar isso, temos perdido parentes de COVID, então não tem como ver a gente na rua chorando e falar que é mentira.



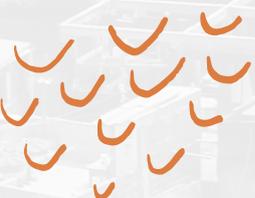


Com relação ao enfrentamento da pandemia na comunidade, o poder público deveria fazer um planejamento, [...] porque esse formato está só para "encher linguiça". Não tem cabimento, você fecha tudo e as pessoas não podem trabalhar, [...] ficam desesperadas para fazer qualquer bico e continuam as aglomerações. Aglomeração sempre vai ter, [...] a periferia vai continuar sempre se movendo em massa, porque ela corre o dia a dia, indo atrás do seu ganha pão, de sustentar sua família, trazer o mínimo para sua casa, não pode se dar ao luxo de ficar cinco dias de folga porque o Governador declarou, sendo que tem um percentual muito grande de pessoas [...] que são autônomas no Estado de São Paulo.

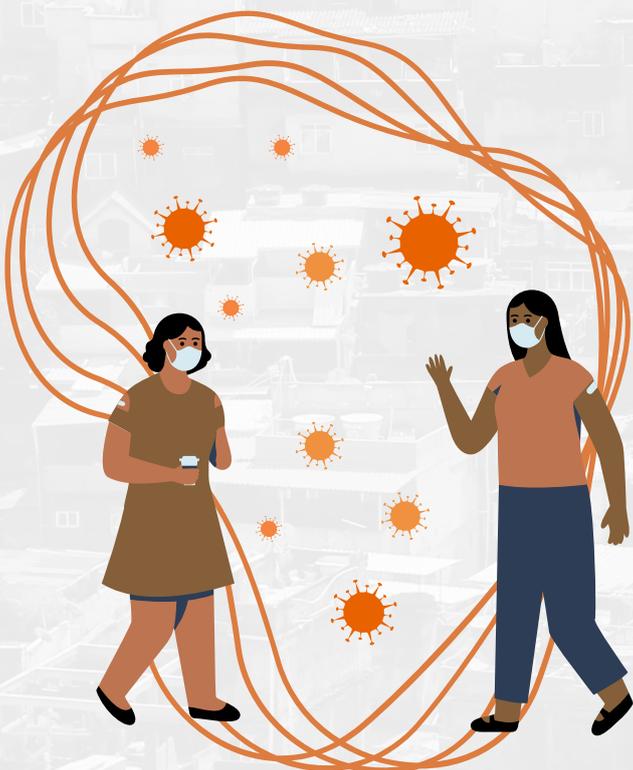
Quando você pergunta de plano de contenção do governo na periferia, ninguém sabe te responder porque ninguém pensou nisso. Uma vez que nunca ligaram para periferia, então não tem como você se preocupar com aquilo que você não liga, né?

O estado não fez nada. Aqui na São Remo é uma favela rica, porque é do lado da USP, da universidade, né? Então ela tem um suporte bom, vira e mexe tem um pessoal querendo ajudar e tem uma ajuda legal. Mas o que acontece, em favelas do fundão, da Zona Sul, Cantinho do Céu, Parque Fernanda, Capão Redondo, sabe? Nesses lugares, tiveram ações pontuais. Em Paraisópolis tem um trabalho bacana que é feito de contenção, mas pelos moradores também, nada que o estado apoia.

O plano de contenção não foi feito para as periferias, onde a realidade é outra. A realidade de quem está de fora nem se aproxima da realidade de quem está de dentro, o ir visitar não é o ir vivenciar, é diferente! Não é porque a pessoa vai lá na favela, conhece quem é da favela, que conhece a realidade, vivenciar é diferente! Você tem que vivenciar o dia a dia, ver as necessidades e as vitórias, cada um tem uma situação que está passando.



Não tem como falar de distanciamento social na periferia com quintais com várias casas, uma ao lado da outra e, muitas vezes, sem porta de divisão dos cômodos, o que ajuda o vírus a se espalhar com mais facilidade. É uma comunidade. Muitas vielas têm portão, a maioria das vezes é por segurança mesmo, porque apenas os moradores têm acesso. Então, várias pessoas diferentes pegam no portão diariamente. Além disso, o risco é muito grande, [...] nas casas tem pessoas de fora indo usar o fogão, a geladeira e o banheiro. Então, a todo momento tem gente entrando, sabe? Não tem muito para onde escapar. O maior risco são as casas bem próximas e o excesso de pessoas.





Alguns de nós pelo menos temos casa, mas tem muitos que não tem nem onde morar. Moram debaixo de uma ponte. [...] A gente ainda tem um cantinho. É melhor do que morar na rua, mas a gente queria tanto morar melhor, né?

Aí você vê a questão do Buracanã, [...] esse terreno que a Universidade de São Paulo cedeu [...] para a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, [...] para construção de prédios residenciais. Mas as décadas passam e o terreno continua vazio. [...]

Tem pessoas aqui na comunidade que realmente não têm condições [...] de pagar aluguel, estão desempregadas. Com a pandemia, muitas mulheres que eram diaristas perderam o trabalho. Tinham que escolher entre comer e pagar o aluguel. E tinha um terreno vazio, o Buracanã, coração da São Remo. De um lado tem os Sem Terra e do outro lado a São Remo. A ocupação do Buracanã surgiu principalmente das mulheres. Entraram algumas famílias e começaram a limpar o espaço e construir as moradias. Assim que conseguiram cobri-las já mudaram para lá, então já tem gente morando, cozinhando, dormindo lá.

Hoje em dia (março/2021) tem em torno de 300 barracos, sendo que muitos ainda estão se formando. Morando concretamente lá dentro, a gente não sabe dizer atualmente quantas pessoas têm. Por isso que é importante a informação, [...] informação é tudo. Mas têm um número grande e nos barracos que estão lá as pessoas estão só se organizando para saírem de seus aluguéis [...], mas desde o começo tem gente morando lá que teve que ir por necessidade mesmo. Vivendo com medo, porque a gente sabe que se a polícia aparecer, aqui a gente corre e entra. Esse é o nosso único problema, é a polícia. Cê tá entendendo? Porque a gente sabe que vai apanhar. Não tem sido fácil viver no Buracanã com a lama, com o frio, com o sol. [...] Dormir lá dentro dá dor de garganta, [...] a boca fica toda estourada. É horrível se sentir um nada, [...] invisível, ver aquele monte de mãe que já está lá com criança, com cachorro, com tudo o que sobrou, sabe? Naqueles espaços minúsculos, sem água, a gente tem que pegar água em galão para lavar louça e fazer comida.

Têm chegado algumas doações de comida, porém o acampamento é grande e muita gente, às vezes chega e já não tem mais o que comer lá. A gente está cozinhando na cozinha comunitária porque não tem como as pessoas colocarem bujão e fogão no próprio espaço porque não tem ainda uma estrutura para isso. Fogo perto de lona e madeira é uma coisa que não dá certo, por agora não porque é tudo improvisado. Quando chove muito é um horror, é terrível, [...] lona voando, [...] barraca caindo... É um caos.

A gente tem que se manter forte por amor àquelas pessoas da ocupação, por amor aos animais que já estão lá dentro. Precisamos de uma armadilha porque tem muito [...] animal.

Como os gambás que acabam sendo perigosos e depois morrem [...] tentando defender uma cria ou, porque a gente invade o espaço deles. A gente entende totalmente eles e não queremos matá-los. A gente quer capturar eles e soltá-los lá onde tem mato. Tem a questão dos animais peçonhentos, tem muito escorpião.

Os problemas no Buracanã parece que não acabam. Não tem um só banheiro, a gente usa o do estacionamento, de quem mora mais perto, do mercado, da UBS.



Mas nem tudo é problema, a gente se uniu muito mais durante a pandemia, não estamos lutando apenas por nós mesmos, mas também pelo outro, a gente aprendeu a olhar o outro, aprendeu a deixar as diferenças de lado, aprendeu também a dividir, não só o espaço, mas também a questão de alimento, quando um não tem, o outro pode dar um pouco, então creio que a pandemia veio para juntar e não para separar.

Enfrentar a pandemia, ter que ficar em casa e não ter garantido a alimentação é nosso maior desafio.. Esse ter que ficar em casa... não sabemos como vai ser essa fase roxa também, mas será tão restritiva quanto no começo, lá atrás, quando não ia trabalhar diariamente, ia um dia sim, outro não. Ou quando as pessoas ficaram em casa e receberam auxílio. Mas independente disso, digamos que a pessoa esteja recebendo a mesma coisa que recebia ano passado, só que as coisas estão muito caras, gente!

As pessoas não estão podendo comer carne nem uma vez por semana, gastar 40 reais em 1kg de carne, [...] um pacote de arroz 30 reais. Você compra um pacote de arroz, você paga 30 reais, você compra um 1kg de carne, você vai pagar 40 reais, 1kg dá para duas refeições, dá para você comer de manhã e dá para você comer à noite.

Isso acaba colocando em risco a saúde da população, porque grande parte tem problema com pressão alta, diabetes. São assim, as doenças mais comuns e as pessoas não estão tendo condições de comprar legumes, salada, o alho que é fundamental para você fazer uma comida... Isso vai colocar em risco a saúde das pessoas. Não pode comer carne e também não tem condições de comprar o frango. Você acaba comprando aquilo que é mais em conta, que é a salsicha que não é saudável, linguiça que também não é saudável. Você vai passar a comer coisas assim, sabe?



Isso vai impactar muitos problemas de saúde que a pessoa já tem, porque uma boa alimentação é tudo né? Não é uma alimentação rica, é uma alimentação básica: frutas, legumes e verduras. As pessoas não estão tendo condições de manter esse padrão.

Muita gente aqui da comunidade foi mandado embora. As empresas não conseguiram manter, muitas pessoas receberam o seguro desemprego, mas acabou. Em algumas famílias, [...] a pessoa que foi mandada embora era a única que tinha condição de manter a casa. Vários moradores foram mandados embora, acabou o seguro desemprego, não tem auxílio, a situação está muito delicada. [...] As pessoas perderam o emprego, muita gente que está na ocupação são pessoas que perderam o emprego, não tiveram acesso ao auxílio e não tem condições de pagar aluguel. E o aluguel aqui na comunidade não é barato, aqui é caro, é de 500 para cima, se for menos que isso é um cômodo e um banheiro. A pessoa não vai ter espaço mesmo, vai ter uma cama, um fogão e uma geladeira. Vai ter o básico do básico mesmo.

Hoje em dia é comum faltarem algumas coisas nas casas, os cachorros nem sempre têm ração, gato não tem ração, e quando não tem a gente faz arroz aqui para dar para eles, com uns pedaços de ossos. Porque é muito triste você pagar aluguel e tirar da própria boca, da boca dos bichos, dos filhos... Tem mês que a gente não consegue pegar cesta básica e como as crianças ficam em casa ansiosas, eles acabam com as coisas. É isso, sabe? Tem sido muito difícil.

Mas não vai continuar do jeito que está porque a gente consegue ir se reinventando dentro do nosso próprio mundo. A gente não pode ficar dependente de uma coisa que a gente não sabe o que é, que nunca teve. Não podemos falar que daqui para frente o governo vai acordar. Mas sabemos que vamos acordar e vamos fazer o melhor por nós e pelas pessoas que gostamos, [...] por satisfação pessoal. [...] Não importa se amanhã, ou depois, essa ajuda não vier ou vier, nós vamos sempre ter a convicção que amanhã seremos melhores que hoje. Vamos fazer nossa parte.



Gestão do cuidado

comunitário

No começo da pandemia todo mundo se isolou, ficou separado, se distanciou. Mas [...] aqui não tem como se manter efetivamente isolado com o vizinho que mora de frente para sua porta, de frente da sua janela. [...] A gente começou a escolher as casas para onde a gente ia, começou [...] um ajudar o outro, [...] para carregar cesta básica, pra doar máscara, álcool em gel. Tinha pessoas que [...] não se conheciam e na pandemia não precisaram muito ficar se apresentando. Chegou com ajuda na porta, sorriu ou deu um "tchau" e já estabeleceu uma amizade.



Um exemplo disso foi a criação do Coletivo, um grupo de pessoas que se juntaram com todas as instituições que quiseram participar, [...] com a ideia de montar políticas e estratégias para [...] minimizar os impactos da pandemia dentro da São Remo. [...] Era uma novidade para todo mundo essa questão, então a gente começou a pedir doação para todos os contatos que a gente tinha e no começo da pandemia a gente teve êxito.

Recebemos muita doação, bastante doação mesmo, tanta doação que conseguimos até suprir a necessidade de famílias de outras comunidades. Com o decorrer do tempo, de agosto pra frente, a quantidade de doações começou a minguar bastante. [...] A gente tava recebendo doação de 200, 300, 400 cestas básicas. [...] Todas foram muito bem vindas, [...] mas era bem limitada a quantidade de pessoas que a gente podia atender. [...] O mapeamento da comunidade feito em 2019 pelo censo, no qual alguns de nós participamos nas ações de campo foi muito importante para saber que são cerca de 9000 moradores na comunidade.

Para planejar a distribuição dessas doações menores a gente não usou o censo. Nesse caso a gente procurou, [...] entre todas as pessoas que estavam fazendo parte do coletivo, [...] mapear quem estava tendo dificuldade. [...] A gente se dividia no mapeamento e na distribuição das doações para não ficar [...] uma coisa muito centralizada. Porque de repente você centraliza e aí você não consegue ver no geral, né? Um tem uma percepção de necessidade, o outro colega tem uma outra percepção, acha que tem outros pontos que devem ser considerados.

De agosto para frente, a quantidade de doações começou a minguar bastante, embora seja importante [...] ressaltar que, exatamente no mês de junho mais ou menos, a comunidade passou a receber doação do Instituto Butantã que fez bastante diferença. Aí o censo ajudou bastante porque o Instituto Butantã [...] queria saber quantas pessoas tinham aqui. Foi uma surpresa pra gente quando eles disseram que doariam 2.500 cestas básicas pra comunidade, então a gente pensou, poxa vida, vamos conseguir suprir 99% da comunidade. Os dados do censo tem como data de referência janeiro de 2019, então muita coisa tinha acontecido depois disso, muitas pessoas tinham ido embora, muitas pessoas tinham chegado e isso não está no censo. Mas a gente agregou as cestas do Butantã, com as cestas que estávamos recebendo de diversos doadores e em determinados momentos a gente conseguiu atender 100% da comunidade. Quando a gente sabia que [...] ia receber a doação do Butantã, então a gente atendia primeiro todo o público ali dos Sem Terra.

A cesta do Butantã era muito boa, dependendo da quantidade de pessoas na casa, dava pra manter assim, pelo menos com a alimentação básica, sem a mistura, né? Uns dois meses e um pouquinho. Em um segundo momento a gente mudou a estratégia de começar pelos Sem Terra [...] porque com as doações sendo diferentes, [...] as pessoas começaram a comparar. Claro que a gente gostaria de entregar tudo igual pra todo mundo, mas nem sempre deu pra ser assim. Aí a gente foi fazendo rodízio para começar por lugares diferentes.

Nas ações que permitiram atender 100% da comunidade, usamos a experiência adquirida no trabalho do censo para percorrer os setores censitários e nenhum morador ficar de fora. A gente entregou uma senha pro morador que tava em casa, a senha em mãos. Aí ele podia pegar essa senha e ir imediatamente buscar a cesta na Associação de Moradores da São Remo. Pros moradores que [...] não estavam em casa [...], a gente criou uma senha diferenciada e colocou embaixo da porta [...]. Então assim foi na nossa primeira grande ação, na nossa segunda grande ação e a terceira também.

Na quarta ação, que foi agora no mês de novembro, já não tinha essa quantidade de cestas e a gente sabia que seria a última doação do Instituto Butantã, porque eles se comprometeram com a gente de fazer três doações e na verdade, a última foi até surpresa, a gente não estava esperando. E como a gente não tinha mais as doações paralelas, a gente teve que mudar um pouco a estratégia dessa quarta ação e infelizmente não foi possível pensar nos moradores que não estavam em casa.



O trabalho foi o mesmo de entrega das senhas, só que o morador que não estava em casa, que não tinha ninguém, não tinha um filho, não tinha um marido, não tinha ninguém responsável pela residência, não recebeu a cesta. Ainda assim, a gente conseguiu fazer esse trabalho na comunidade toda. A gente conseguiu chegar até a última rua de morador que estava em casa.

O coletivo também conseguiu atender entregando máscaras para toda a comunidade, mais de uma vez. Na São Remo foram quase 11 mil máscaras e ainda fizemos esse trabalho em torno das outras favelas aqui da região, então foi um trabalho bem bacana. Trabalhamos com os comerciantes para eles [...] ajudarem [...] exigindo o uso da máscara, pelo menos para entrar [...] no estabelecimento. Essas ações não eram isoladas, desde o começo trabalhamos com informação [...], com cartazes, com comunicados. Passamos pelas ruas falando para lavar as mãos, [...] reeducando as pessoas, mostrando a necessidade de cuidar do outro. Porque muitas vezes você não tem o cuidado com você, mas tem que ter o cuidado com o outro. A gente muitas vezes [...] usa a máscara para resguardar a outra pessoa. Se a gente espirra ou tosse, mesmo achando que não seja nada, [...] a gente [...] usa a máscara respeitando a outra pessoa, zelando a outra pessoa. Essa questão das pessoas estarem tendo um pouco mais de empatia com o outro, educando dessa forma, [...] impacta um pouco melhor.





As pessoas do coletivo foram nas casas [...]. Entregaram todos os produtos de limpeza que conseguiram, [...] e também folhetos [...] de fácil entendimento. Esse ano, eu acredito até que as coisas estão começando a complicar para os moradores, né? E a gente já começa a mobilizar, pedir, porque o custo de tudo está alto. Não tem auxílio emergencial, [...] não deu para atender toda a população, sabe? No geral é isso, agora passou o mês de janeiro, passou o mês de fevereiro [...] e a gente precisava de um fôlego também, porque a gente ficou o ano todo recebendo doação e planejando para fazer entrega. A gente precisou também dar uma parada, respirar, até porque não tinha o que fazer mesmo! As pessoas não estavam doando e então a gente pensou: poxa! Vamos cuidar um pouco da gente. Mas [...] a gente vai começar a se reunir de novo e tentar pedir doações.

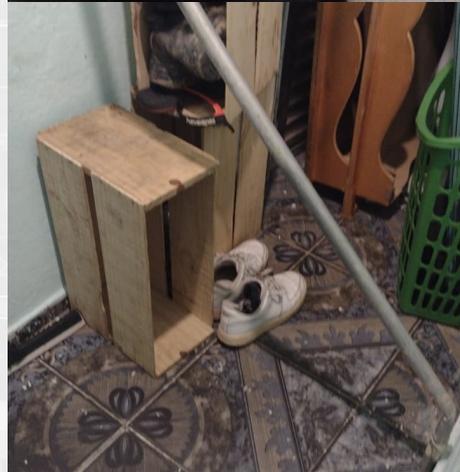
Apesar das ações do coletivo, o comportamento das pessoas da comunidade tem sido variável e influenciado pelo curso da pandemia. Alguns moradores souberam de [...] poucas pessoas daqui [...] infectadas. Já não usam mais máscara igual no começo. É como se tivessem voltado ao "normal". Outros têm muitos conhecidos que acabaram tendo contato com a Covid, tiveram [...] várias perdas [...] de pessoas conhecidas, de pessoas novas, [...] não só de dentro da São Remo. Por ter favelas no contorno acabamos conhecendo muita gente, [...] pessoas novas que vieram a óbito e [...] surpreenderam muita gente. Então tem quem passou a usar mais a máscara.



O que impacta mais [...] é um planejamento na comunidade [...] para que a informação seja absorvida pelo morador e ele entenda que precisa [...] colocar uma máscara. Fica complicado de falar sobre distanciamento social porque isso não é real, mas pelo menos colocar uma máscara, lavar as mãos. Evitar um pouco de ficar em rodas de conversa na rua, não aglomeração que a gente fala, mas rodas de conversa mesmo. Se for bater um papo, conversar com a máscara, as duas, três pessoas com as máscaras, isso ajuda bastante, né? Trabalhar nesse contexto de informação, mostrar o quanto é necessário.

Pensando no individual, o que podemos fazer é chegar da rua, tirar o sapato, colocar do lado de fora, na porta. [...] Chegar em casa, lavar bem as mãos, o braço e o rosto com bastante sabão. Além disso, arrancamos a roupa, colocamos para lavar e tomamos nosso banho. O que mais nos protege é não trazer o vírus. De repente a gente vai comprar algo, encontra alguém na rua. O que mais nos protege é nosso próprio cuidado. [...] Fazer higienização das mãos antes de entrar nas casas, tirar o sapato. [...]

Nós temos que andar de máscara, né? O que mais nos protege é não trazer a doença. [...] A doença só vai entrar se [...] algum membro da família trouxer.



Crianças e adolescentes da São Remo

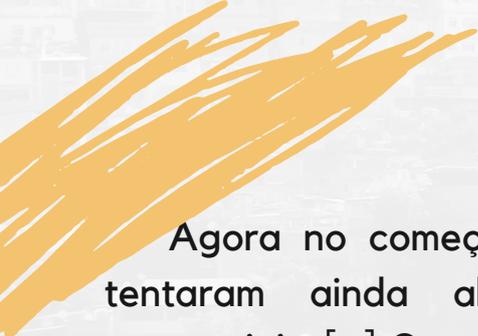
Quando começou a questão da pandemia, tudo novidade, as crianças chegaram a ficar presas em casa porque foi algo muito atípico, todo mundo tinha medo e não sabia o que era, né? A mídia batendo em cima, então tava mexendo com a nossa cabeça. Com o tempo a gente foi deixando mais flexível, flexível e hoje a gente viu que infelizmente, nessa questão de restringir as crianças em casa a gente não consegue. Então acaba ficando a mercê, é muito louco, não tem muito o que fazer, [...] entra aquela questão: minimizar os impactos com os protocolos. Educar para usar álcool em gel, máscara, distanciar um pouco, não ficar muito abraçando e na questão da escola e do estudo está completamente diferente, esse ano que passou aí foi um ano perdido, na verdade.



Os jovens e crianças da São Remo estão mais tempo em casa, mas estão o tempo todo jogando, ou não estão em casa e estão em tudo e quanto é baile funk que rola, porque baile funk não parou, parou um mês. Ontem mesmo a polícia veio aqui duas vezes para encerrar, sabe? Se for falar de modo geral, eu acho que só no começo teve esse impacto. Eles continuam na rua hoje, mais na rua do que em casa. E os que estão em casa estão viciados no jogo. Na quadra da comunidade também, eles estão sempre lá, todo dia, os que não estão tendo aula estão sempre lá, você vai lá e sempre tem criança. Porque quando começou o isolamento assim, ninguém sabia que iria durar esse tempo, a perspectiva era um mês, dois, no terceiro mês - ah, vamos voltar - e acabou não acontecendo. Então alguns pais deixaram de se preocupar com essa questão, [...] as pessoas já não usam mais máscara igual no começo, é como se tivesse voltado ao "normal".

Mas você tem que se preocupar com a saúde mental, com a questão emocional ali que é a depressãozinha, que é agora a moda né? Depressãozinha não no pejorativo, depressãozinha pelo caso da criança, mas é depressão, e é grave. Algumas pessoas que moram aqui, ainda acham que o número de pessoas que ficam na rua se expondo é o mesmo, mas as pessoas têm se protegido mais, [...] com exceção dos bailes né, os bailes "correm frouxo" e esse pessoal não usa mesmo, ninguém se cuida... o baile começa 20h da noite e vai até 08h da manhã do dia seguinte, 12 horas é muita coisa, e talvez essa seja a preocupação maior nas periferias, não é nem tanto o pessoal do transporte público, que também é um super risco, mas eu acho que a nossa preocupação maior é os bailes. A noite inteira. Aqui é um lugar, nas comunidades em outros lugares também, a polícia passa, faz o percurso que eles são obrigados a fazer e vão embora! Continuam o que estavam fazendo, é muito louco! Essa realidade é só quem vive mesmo que tá tendo a dimensão de quanto louco é o negócio.

Tem aulas online, mas é difícil estar acompanhando. Se tem três crianças em casa, precisa ter três aparelhos eletrônicos ou então deixar o celular de trabalho para eles usarem em casa, e não levar celular para trabalhar, complica, se levar o celular para o trabalho, as crianças [...] não acompanham na hora que o professor está falando, eles não interagem, só assistem. Entende? A dúvida do momento que o professor explica, tudo bem está gravado, vai ser a mesma coisa vendo, mas não é a mesma coisa do que estar interagindo. Aí entra a questão que é o exemplo né? O equipamento, computador, celular, baixar o aplicativo, se tem o celular, tem que ter uma "internet", pelo menos uma que rode, para não ficar parando. [...] Porque uma coisa é a internet da "Vivo" e outra o "gatonet" que os caras colocam para rodar. É muito louco, nada do protocolo foi feito para a favela. Só jogaram e vamos ver o que dá, a gente vende o peixe e vamos ver o que dá. As periferias estão se cuidando por elas mesmas, mas essa questão de estudo, de verdade, é muito complicado, sentimos uma dificuldade tremenda. O ano passado, por exemplo, foi um ano perdido.



Agora no começo do ano, eles tentaram ainda abrir as aulas presenciais. [...] O protocolo chega a ser muito ridículo. Sabem por quê? Primeiramente porque colocam a vida dos professores e das pessoas da área da educação em risco. Primeiro ponto, já começa por aí. Porque desde que o estado e o governo obrigam os professores a irem trabalhar e não dão o devido respaldo para eles, estão jogando eles na berlinda, né? Colocando em risco. E com as crianças que todo mundo fala que são assintomáticas [...] pode ser que a sala toda fique doente. E [...] o professor, diretor, coordenador, pessoas que vão à escola e tem um pouco mais de idade né? Então já começa por aí. Olha o protocolo, 2 dias da semana, porque com isso a gente diminui a carga horária da semana e diminui o número de crianças por sala, se tem 40 crianças vamos dividir em duas, 2 dias vai ter 20 crianças, legal né?

Não! Não tem sentido, eles diminuem uma hora, eu falo que eu tenho exemplo de algumas escolas particulares que tem uma condição legalzinha assim né? Mas [...] a gente não tem condição de pagar né? E mesmo nessas escolas tem professores falecendo, sabe? É claro que não é só a escola. Quando os adultos levam as crianças a ambientes com [...] esporte, [...] sarau e um monte de coisa que existe por aí, [...] as crianças crescem com outro olhar, sabe? Elas não ficam só naquele mundinho, escola, casa, escola, casa. É complicado. Há quem tem a "internet" que é uma maravilha, mas também é um grande vilão. [...] Tem muitos adolescentes aqui mesmo da comunidade que poderiam estar fazendo qualquer outra coisa, estudando, fazendo aula de qualquer coisa, de futebol, de basquete. Mas eles preferem ficar em casa jogando.



Tudo bem, tá na pandemia, mas as crianças estão com dificuldade de relação, de se relacionar. [...] Por isso, essa preocupação para fazer uma coisa para dar um "up". Porque o Circo Escola tava funcionando daquele jeito, mas tava lá, de alguma forma ele estava agregando. E agora sem o circo? A comunidade está extremamente refém, estamos reféns.

Na São Remo, tinha aqui no Alavanca cursos de inglês, francês e espanhol. Tinham vários cursos no Circo Escola, tinham vários cursos no Girassol aqui também, tá? As crianças tinham atividade física, tinham capoeira, tinha passeio, tinha reforço escolar. Também fechou! Ou seja, não tem mais nada na favela pra incentivar os jovens e as crianças, né? E isso é muito triste. É aí que mora o perigo, quando o adolescente ele não vê um caminho, uma perspectiva. É triste porque tem esses adolescentes 'nerds', que fazem cálculo de cabeça, mas agora estão trabalhando, vendendo água no farol, desistiram de estudar.

O Circo Escola fechou porque apareceu um problema estrutural. Assim, a desculpa pra não assinarem o contrato novamente, ela fez sentido porque o que eles pontuaram no laudo, eles têm razão, mas tem que arrumar a prefeitura pra fazer a reforma necessária, aí que a prefeitura tem que fazer o papel dela, porque o argumento que foi usado até é válido, infelizmente tem situação que você tem que aceitar, engolir e falar tá certo, não tá errado, né? Então nessa daí tem um sentido.



O Circo Escola é bem grande, manteve a função do Cedesp lá dentro, que é de um curso profissionalizante que tinha lá, até um pouco do meio do ano, mesmo com a pandemia conseguiram fazer alguns trabalhos, mas atualmente a gente tá sem o espaço do Circo Escola, ia ser Circo Social, era a ideia do governo, mas hoje em dia a gente tá esperando o recurso, isso impacta bastante né, era um espaço social que ajudava bastante aqui, até com os pais que estavam trabalhando porque era um horário que ajudava muito, as crianças tinham alimentação digna ali para 'tá' comendo, tinha um trabalho ali, social, com psicólogo, tinha uma assistência bacana no espaço, eles se identificavam com aulas de dança, de circo, atividades de capoeira, tinha um projeto, um trabalho com as crianças tipo um "prézinho", bem bacana, um maternalzinho para as crianças pequenas.



Era bem bacana o Circo Escola, atuava atendendo quase 300 crianças. Na pandemia é normal não ter atividade, mas o problema é que se não voltar vai ser um impacto social muito grande para a São Remo. É muito triste, várias crianças cresceram lá dentro e hoje tem um futuro promissor graças ao circo, pessoas que se recolocaram no mercado de trabalho, graças aos cursos que tinha lá. O fato dele estar depredado, fechado, é muito triste. [...] Tinha projetos para os adolescentes e a realidade era outra, tem adulto aqui que fala inglês, que aprendeu com o pessoal da USP que vinha dar aula e tinha um engajamento nisso.

Com as escolas, os pais, principalmente as mães solteiras, conseguiam se organizar e colocar os filhos em outras atividades no contra turno, no período em que estavam trabalhando. Mas essas crianças com a falta da escola, a mãe ficou perdida, não sabia o que fazer, as crianças ficavam em casa, mas não tinha como estar aprendendo, então as crianças ficavam mais na rua, mas tem outros que tem a família mais estabilizada que conseguia segurar um pouco mais as crianças. As escolas não estão dando suporte em nada, nem por telefone mais agora.

Tem criança na terceira série e não sabe nem ler. Tem que colocar alguns programas para as crianças assistirem, para ajudá-las. Mas não dá! Elas não estão aprendendo. [...] Lecionar é um dom que não é todo mundo que tem.



Tirando os jovens envolvidos nos bailes, há um esforço por proteger aos mais novos. Os noticiários estão falando da quantidade de mortes que tem aumentado e muito, até criancinha de 2, 3 aninhos está andando na rua de máscara, [...] alguns pais estão mais preocupados né? Antes estava atingindo a faixa etária das pessoas que tinham algum problema de saúde, pessoas acima de 40 anos. Mas agora como diminuiu a faixa etária, as pessoas estão mais preocupadas, e se pega, corre o risco de contaminar o filho.

Alguns de nós percebemos o aumento da violência. [...] Alguns pais passavam muito tempo fora, trabalhavam o dia inteiro, tinham pouco contato com as crianças.

Não estavam acostumados com as crianças o tempo inteiro em casa, então tem alguns casos de uns pais sem paciência dando uns tapas, inclusive na quadra. A gente já presenciou criança apanhando por fazer 'besteirinha', bobagem, nada que leve a sair do sério. Ali na quadra, na frente das pessoas. Não tem necessidade disso, de bater na criança, a criança tão pequena, não entende o que está fazendo. Mas agora, como as coisas voltaram ao normal, digo pela USP que a maioria aqui trabalha na USP duas vezes por semana, às vezes três e tem ficado menos tempo em casa com as crianças, mas no período em que a pessoa não ia trabalhar dia nenhum, é complicado para as pessoas lidarem com isso.

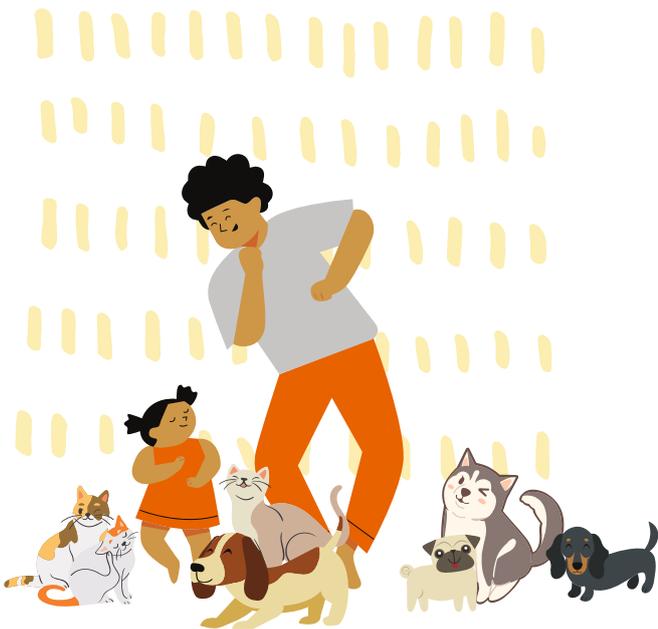
Às vezes é um rapaz agredindo uma mulher, vai saber se o namorado ou o marido, mas na frente de uma criança. Tem quem se posicione pela criança, para que ele pelo menos respeite a criança, porque a situação é desagradável. Outras vezes a situação é muito incômoda, mas não pode se fazer nada porque tem aquela questão né, é o relacionamento deles ali. Com a pandemia, na comunidade e em outros lugares, aumentaram os casos com certeza, [...] principalmente [...] em lugares de classe alta e classe média.

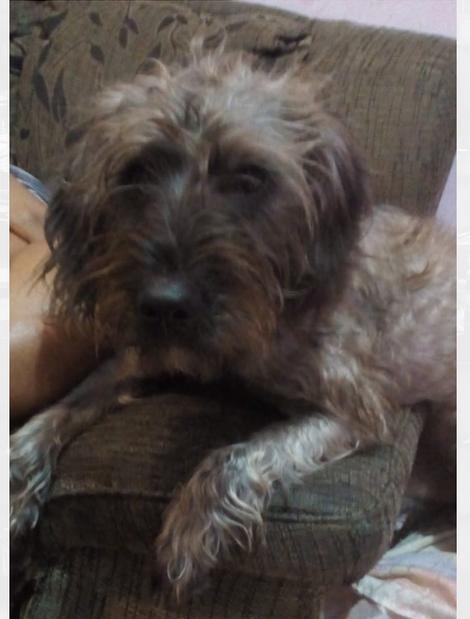
Famílias multiespécie



Com a pandemia, foi preciso ficar um pouco mais em casa e ter menos contato com outras pessoas. Assim, o convívio com os animais tornou-se essencial no enfrentamento do vírus, principalmente pela vantagem [...] que eles são uns bichos companheiros, dóceis, [...] que estão nas horas de felicidade, de tristeza, de alegria e nas horas boas. Por isso, temos que acolhê-los, dar-lhes mais atenção, uma vez que é recíproco o que eles fazem conosco. Morar com animal é muito bom, é a maneira que você tem de se distrair. Às vezes você está triste e ele faz você se alegrar; são um ponto de equilíbrio nesta loucura e o cotidiano fica mais leve com eles.

Conviver com animais durante o isolamento social, nos ensinou que precisamos aproveitar cada momento, valorizando que estamos perto dos que amamos e escolhemos para fazer parte das nossas vidas de maneira positiva. Os animais não apresentam risco de contaminação do Coronavírus. A pandemia mostrou o quanto tempo perdemos com coisas passageiras e não aproveitamos o que realmente importa na vida. O afeto, companheirismo, tempo, saúde mental passaram a ser mais valorizados com os animais. Morar com eles contribuiu para fazermos companhia uns aos outros, ajudou principalmente com as crianças que residem nas nossas casas. Fazemos brincadeiras constantes e os nossos bichinhos adoram. Por conta da pandemia e isolamento, ficamos a maior parte do tempo juntos, os cães e gatos ficaram mais apegados.





Entretanto, a maior dificuldade foi controlar os passeios, os cães e os gatos passaram a sair menos e como a maioria das casas não tem um quintal para eles se exercitarem, isso os deixa angustiados, já que não têm onde gastar energia, fazendo com que eles sintam o impacto de passar mais tempo em casa assim como os humanos.

Além disso, o custo alto da ração com verba reduzida passa a ser um problema maior durante a pandemia. Porque não tem condições financeiras pra tá mantendo os bichinhos. Mas a gente dá um jeito, faz um arroz, um caldinho de carne. Não deixa eles sem comer, de jeito nenhum. Então assim, se para as pessoas está difícil de se alimentar, para os cachorros e gatos, fica mais difícil ainda. Ter que enfrentar a pandemia, [...] ficar dentro de casa e não ter garantido a alimentação é nosso maior desafio, para isso foi preciso diminuir a quantidade de comida oferecida para os animais e só assim é possível chegar ao final do mês.

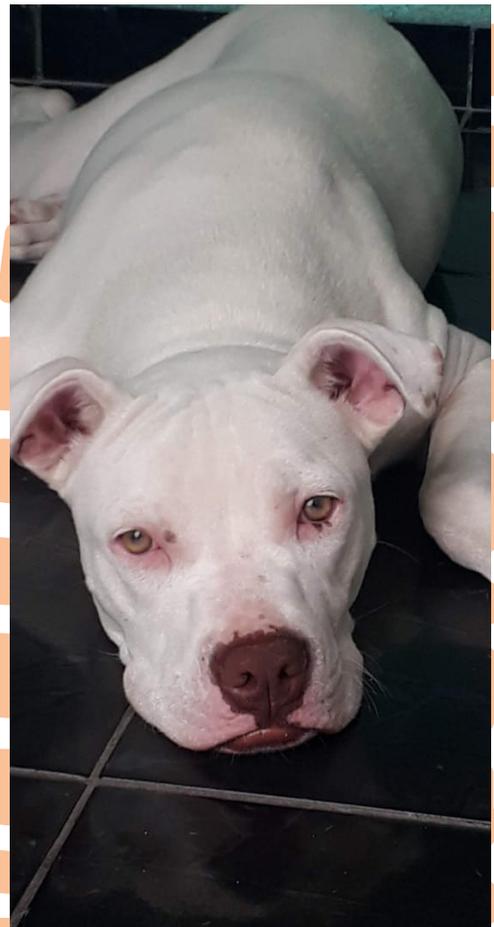
Na São Remo, tem muitas pessoas que abandonaram os animais. Já vimos muitos jogados na rua. Existem pessoas que para não passar apuros preferem isso às vezes. Os animais são seres vivos, indefesos, eles dependem das pessoas para conseguir alimento, não é justo fazer isso com eles, sendo os melhores amigos que a gente tem.



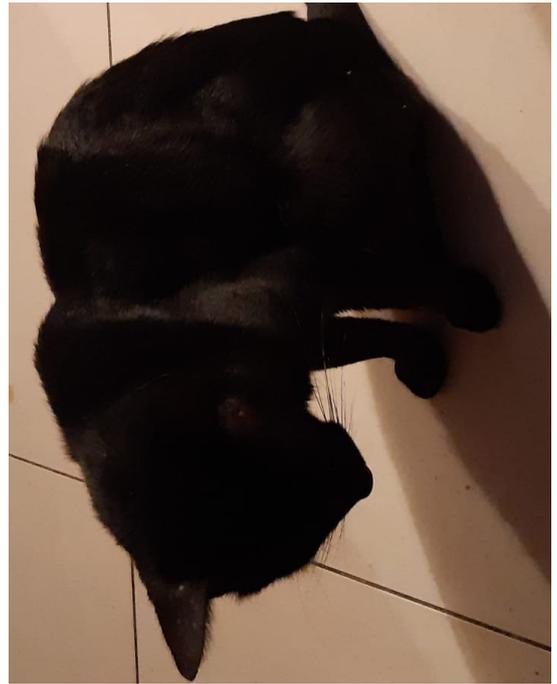
O ser humano devia ter um pouquinho mais de amor no coração, sabe? Tem muito ser humano que não tem amor, nem na pessoa própria, primeiro você gosta de você para gostar dos bichinhos, gostar das pessoas. Mas tem gente que nem isso, nem dele próprio, quanto mais dos animais. Porque abandonar os animais assim, por causa de uma pandemia. Você dá um jeito! As pessoas colocam os animais dentro do carro e chegam na USP e soltam. Isso não é justo fazer isso com os bichinhos, os bichinhos são os melhores amigos que a gente tem, [...] até emociona de ver o carinho que eles têm com as pessoas. É muita falta de amor no ser humano, que abandona sem se preocupar! Mesmo sendo feitas diversas campanhas, leis que criminalizam o abandono, mas nem assim as pessoas pensam antes de abandonar! Parece até que os bichos são objetos descartáveis.

É preciso ter paciência e cuidado com os animais. Com o isolamento, as pessoas acabam ficando mais estressadas, judiam dos animais e dos seres humanos. Descontam o fato de não poder estar saindo, [...] por ser mandado embora no emprego, descontam nos animais, nas pessoas em casa, isso está acontecendo muito, entendeu?

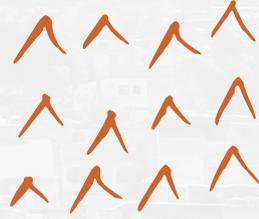
Judiar dos animais, os bichinhos indefesos. Passa até na televisão isso aí, do ser humano judiando nos animais. [...] É difícil ver, mas às vezes dá para escutar um cachorro gritando demais e um homem falando. Tava apanhando, não tava gritando à toa. Mas não vê cara de ninguém, nem do animal. Só escuta o barulho lá para dentro. Dá muita raiva. Você não vê quem era, não sabe quem era, só barulho!



Apesar de tudo isso, queremos levar só coisas boas, apesar da situação que nos encontramos, procuramos sempre dedicar mais tempo e oferecer o melhor para nossa família. [...] Às vezes a gente está com o dinheiro só do pão, mas dá um jeito de fazer uma coisinha pra [...] tomar o café e com [...] comprar a ração dos nossos animais. Futuramente, se Deus quiser, tudo isso vai se normalizar e creio que servirá de lição e ensinamentos para todos. Ter esperança, confiar que tudo vai dar certo, continuar cuidando da gente e de quem amamos. Temos de proteger quem amamos [...] e continuar superando essa situação com nossos animais. Porque nessa vida a gente não leva nada, só os bons frutos, a alegria.



Expediente



Projeto:

Documentação participativa da vivência da pandemia de COVID-19 na Favela São Remo do município de São Paulo

Coordenação:

Oswaldo Santos Baquero (nPeriferias-IEA-USP, SUP-FMVZ-USP)

Equipe de Pesquisa:

Ana Claudia Camargo Gonçalves Germani (nPeriferias-IEA-USP, FM-USP)

Dora Mariela Salcedo Barrientos (nPeriferias-IEA-USP, EACH-USP)

Gislene Aparecida dos Santos (nPeriferias-IEA-USP, EACH-USP)

Júlia Amorim Faria (SUP-FMVZ-USP)

Oswaldo Santos Baquero (nPeriferias-IEA-USP, SUP-FMVZ-USP)

Sara Cristina Aparecida da Silva (FM-USP)

Articuladores do Jardim São Remo:

Ericsson Michel Silva Magnavita

Rosângela do Nascimento Ferreira

Moradores do Jardim São Remo que contribuíram à pesquisa:

Angelina Bonfim dos Santos

Juliana Maria de Jesus

Beatriz Oliveira de Arruda

Mara Gomes

Demilton Gonçalves de Melo

Maria Roberta da Silva

Dione Costa da Silva

Robson Souza Dutra

Dirceu Pereira dos Reis

Thaís Arruda

Jandira Ferreira de Andrade

Vitória Félix Oliveira

Realização:

Grupo de Pesquisa das Periferias (nPeriferias-IEA-USP)

Apoio:

Rede Saúde Única em Periferias (SUP-FMVZ-USP)

Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP)

Universidade de São Paulo (USP)

Financiamento:

Fundação Tide Setubal

Citação acadêmica:

Faria, J.A.; Silva, S.C.A.; Germani; A.C.C.G Berrientos, D.M.S.; Santos, G.A.; Baquero, O.S. (2021).

Vivências da pandemia na São Remo: um discurso coletivo. Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5211531>.

Autor de correspondência: Oswaldo Santos Baquero (baquero@usp.br)

